

Caderno

Artístico

Agosto 2023 - Ano 2 • Nº 03

"*Nas asas da saudade*", de autoria do juiz federal aposentado Antônio Francisco Pereira, é a primeira leitura da edição.

O juiz federal aposentado B. G. da Costa Fontoura conta, em crônica, a história de Lola Montez, personagem principal desta arte de capa do Caderno Artístico.

O desembargador federal aposentado Raldênio Bonifácio Costa apresenta fotos da bela Praia de Icaraí, Niterói (RJ).

#POESIA

Página 4

#CRÔNICA

Página 7

#FOTOGRAFIA

Página 18



ESPAÇO DOS(AS)

Aposentados(as)



AJUFE

Mensagem

DA COORDENADORA

Damos início ao segundo semestre deste ano com a terceira edição do Caderno Artístico. Este número contempla poesias, crônicas e fotografias.

Antonio Francisco Pereira e Orlanda Luiza são os poetas que nos brindam com “Nas Asas da Saudade”, “Classificação Indicativa” e “Amor Redivivo”.

Nas crônicas, B.G. da Costa Fontoura traz um apanhado biográfico da atriz anglo-irlandesa Lola Montez, uma desapercebida precursora do feminismo, com rico pano de fundo histórico e cultural. Em “Felizes para Sempre”, Francisco Pereira relembra-nos que o amor não tem idade. E “O Chefe de Gabinete” narra episódio de um passado burocrático.

As fotos são de Raldênio Bonifácio da Costa, cujo talento nos revela cenas de rara beleza e a riqueza do nosso patrimônio natural.

Assim, com muita satisfação, entrego a todos e todas este Caderno, certa de que lhes deleitará.

Maria Helena Rau de Souza
Juíza federal aposentada da 4ª Região
e Diretora de Assuntos de Interesses
dos Aposentados da Ajufe



SUMÁRIO

Mensagem da coordenadora	2
--------------------------------	---

Maria Helena Rau de Souza

Juíza federal aposentada da 4ª Região

Poesia	4
--------------	---

Antônio Francisco Pereira

Juiz federal aposentado da 6ª Região

Crônica	5
---------------	---

Maria Helena Rau de Souza

Juíza federal aposentada da 4ª Região

Crônica	7
---------------	---

B. G. da Costa Fontoura

Juiz federal aposentado da 2ª Região

Crônica	14
---------------	----

Antônio Francisco Pereira

Juiz federal aposentado da 6ª Região

Poesia	15
--------------	----

Orlanda Luiza

Desembargadora federal aposentada da 1ª Região

Poesia	17
--------------	----

Orlanda Luiza

Desembargadora federal aposentada da 1ª Região

Fotografia	18
------------------	----

Raldênio Bonifácio Costa

Desembargador federal aposentado da 2ª Região

Expediente

Coordenação: **Maria Helena Rau de Souza**

Coordenação de comunicação: **Priscilla Peixoto**

Revisão: **Eduardo Gomes**

Diagramação e projeto gráfico: **Lucas Soares**

**Ajufe — Setor Hoteleiro Sul, Quadra 6, Bloco E,
Conjunto A, Sala 1305**

Brasil 21 - Ed. Business Center Park - CEP 70322-915

Tel.: (61) 3321-8482

Contato

imprensa@ajufe.org.br

www.ajufe.org.br

www.facebook.com/ajufe.official

www.youtube.com/tvajufe

www.twitter.com/ajufe_oficial

www.instagram.com/ajufe_oficial

www.flickr.com/ajufe_oficial

Poesia

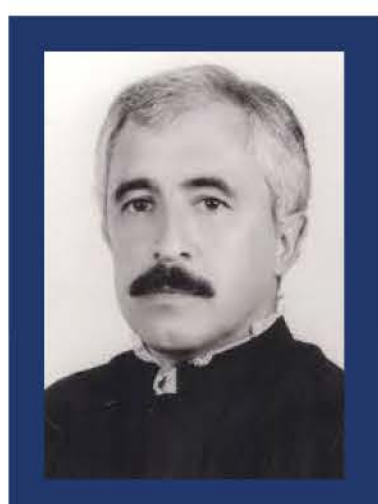
Nas asas da saudade

Voa, voa, passarinho
e pouse na casa dela.
Diga-lhe que estou sozinho
e não sei viver sem ela.

Preso aqui no meu cantinho
como se fosse uma cela,
a saudade é um espinho,
uma incurável sequela.

Assim, mensageiro alado,
vá, leve a ela meu recado
sem causar nenhum abalo.

Ou empreste-me sua asa
para que, com o peito em brasa,
eu mesmo possa levá-lo.



Autoria

Antônio Francisco Pereira

Juiz federal aposentado da 6ª Região

CHEFE DE GABINETE

Comecei a trabalhar quando estava no quarto ano do curso de Direito. Fui admitida como estagiária na assessoria jurídica de uma Secretaria de Estado. Até então, a profissão estava para mim no plano puramente teórico e os desafios não iam além das provas semestrais. O meu contentamento e nervosismo foram à potência máxima. Estaria sob a orientação de renomado consultor jurídico e ainda com salário. Mal podia acreditar, meus primeiros ganhos com o suor do meu rosto e eu suei bastante mesmo.

Falo de um tempo sem internet e computadores. A pesquisa, em vez da digitação de algumas palavras e pressão sobre uma tecla, dependia da busca física em bibliotecas, do empréstimo de obras, da peregrinação nos melhores acervos. Esta atividade passava ao meu encargo. Também redigia minutas de pareceres, anteprojetos de lei, ofícios, tudo submetido ao coordenador e ao consultor chefe, ou seja, na escala daquele serviço eu estava no degrau inicial, ou, mais precisamente, querendo nele chegar. Uma acadêmica no primeiro round da luta pelo lugar ao sol. E havia ainda as relações de trabalho, que eu inaugurava justamente no mundo das repartições públicas, com seus personagens inesquecíveis. No frescor daqueles anos eu nutria o mais fundo respeito e temor reverencial aos superiores hierárquicos. A instituição pública era grande, forte e inabalável aos meus jovens olhos.

Entre as personalidades, uma se destacava com larga vantagem: o chefe de gabinete do Secretário. Até então, eu não tinha a menor ideia da dinâmica que poderia reger a atuação de um chefe de gabinete, o homem da confiança, o que seleciona os assuntos que entrarão na pauta do dia, o que ergue ou detona as pontes até a autoridade. E aquele chefe de gabinete, além de exercer exemplarmente todas estas funções, implantou, de acordo com suas crenças, um padrão de exigências para que um documento pudesse ser assinado por seu chefe. Das exigências impostas, uma viria a me atingir e fazer meu coração bater até na ponta dos dedos. Como todo e qualquer documento era datilografado, o chefe de gabinete não admitia rasura, ainda que mínima, e investigava, com minúcia, qualquer vestígio do uso de corretivo, erguendo até mesmo a folha em exame contra a claridade que entrava pela janela de sua sala, pois nada se oculta à luz do sol. Constatada a recriminável falha, o trabalho voltava para a origem, não sem uma nota tácita de desmerecimento, para que nova versão incólume fosse apresentada. Pois é, naquele tempo não tinha como deletar, os erros deixavam marcas. Destas exigências tomei conhecimento tão logo comecei a trabalhar, porque todos sabem como é nas repartições, as hierarquias e os mexericos. Mas as conversas não chegaram a me abalar, afinal, quem era eu para mandar documentos para o gabinete do Secretário, uma simples estagiária, este relacionamento não me competia. Mal sabia que esta proteção cedo se desfaria.

Tudo ia bem, muito bem mesmo, o renomado consultor gostava do meu trabalho. Vai que um dia, ele viajando, o Secretário decidiu oficialar, com urgência, a respeito de um assunto que estava em análise na assessoria jurídica. O chefe de gabinete, o diligente e minucioso chefe de gabinete, entrou abruptamente na nossa sala e determinou que fosse redigido o ofício, assunto de máxima prioridade, missão a ser cumprida imediatamente. E já sabendo que o chefe da assessoria estava fora, olhou para mim, tu farás o ofício, conheces o assunto e em resumido discurso transmitiu o que o documento deveria conter. Já com a mão na maçaneta, virou-se, o Secretário só aguarda este ofício para ir ao encontro do Governador. Assim que a porta se fechou, pus-me a redigir, dicionário na minha frente, os dados do assunto, a precisão das palavras, a gramática, o coração acelerado. Tão logo concluí, voei para o setor de mecanografia, naquela altura todo prontidão e a sua mais exímia datilógrafa, a Norma, aguardando ansiosa o texto para, quem sabe, em tempo recorde, fazer nascer o documento que percorreria altos escalões. Sem desmerecer a agilidade ímpar dos seus dedos sobre o teclado, o fato é que ela trabalhava também sob os influxos da paixão, abrigava pretensões amorosas com relação ao implacável chefe de gabinete. Já estava com o papel de timbre oficial na máquina, e assim que lhe alcancei o manuscrito, já saiu datilografando, não olhou mais para ninguém, era só ela, a máquina IBM e seu irreprimível amor.

Neste ponto, eu já havia recebido dois telefonemas sobre o andamento do trabalho e não preciso dizer de quem. Retirei-me do setor de mecanografia, pois já havia uma tensão formidável pairando no ar, e parece que, mal tinha voltado para a minha sala, a Norma entrou quase correndo, o ofício em uma mão, o cigarro na outra, que tremia levemente. Estava um pouco pálida quando me disse que no último parágrafo errara a palavra inconstitucionalidade, faltara uma letra, tivera que usar o corretor, ficou quase perfeito, mas tu sabes como ele é, não dá tempo para datilografar tudo novamente, não? Nisto toca o telefone, o Secretário não pode esperar nem mais um minuto, o senhor Governador, afinal, o trabalho está pronto? Olhei para a Norma, respirei fundo, vai este mesmo.

No gabinete, nem tive tempo de dizer qualquer coisa, ele me esperava impaciente, assim que me viu estendeu a mão e já passou a ler avidamente, cuidar dos excelentíssimos, das margens, dos protestos de estima e consideração, para ao fim e meu desespero erguer a folha contra a janela que evidenciou, à semelhança de uma radiografia, a microscópica mancha, a folha levemente mais transparente em uma das sílabas da inconstitucionalidade. Olhou-me por cima dos óculos, eu suspendi a respiração, só vai assim porque não há mais tempo. O pesar era notório.

Ao deixar aquela sala, vi a Norma no fundo do corredor, aflita, espreitando a minha saída, procurei tranquilizá-la com o universal sinal de positivo e voltei para o meu recinto. Em vez da cadeira, procurei a janela, precisava de um pouco de ar. Porém, daquela abertura vim a ter a visão do Secretário embarcando no carro oficial, com um envelope pardo na mão, o ofício, é claro, o chefe de gabinete com o corpo curvado, falando à janela do carro até sua partida, depois retornando com passos pesados para a entrada do prédio, ruminando algum pensamento. Talvez, com sorte, aquela rasura não abalasse seu prestígio na administração pública estadual.



Autoria

Maria Helena Rau de Souza

Diretora de Assuntos de Interesses dos Aposentados da Ajufe
e juíza federal aposentada da 4ª Região

Lola Montez:

Memória de uma Despercebida Precursora do Feminismo

*"At any rate, such is the social and moral fabric of the world, that woman must be content with an exceedingly narrow sphere of action, or she must take the worst consequences of daring to be an innovator and a heretic. She must be either the servant or the spoiled plaything of man; or she must take the responsibility of making herself a target to be shot at by the most corrupt and cowardly of her own sex, and by the ill-natured and depraved of the opposite gender."*¹

(LOLA MONTEZ. *Autobiography*. Part I, p. 15).

EXÓRDIO. Os primeiros tempos subsequentes ao término das guerras napoleônicas (1796-1815) constituem um período de despreocupado hedonismo na Europa, como involuntária compensação pelos rigores da belicosa era que se findara². A ordem política fora reorganizada conforme as ideias autocráticas hauridas do Congresso de Viena (1814 – 1815) e da Santa Aliança (1815) e, antevendo-se paz duradoura, sobretudo após a morte de Bonaparte (Santa Helena, 5 de maio de 1821), aquela tranquilidade embriagava os europeus exauridos pela carnificina pretérita e os conduzia a esquecer princípios outrora venerados. Os excessos de alcova, perpetrados tanto por homens quanto por mulheres, com abundante promiscuidade luxuriosa e infidelidade conjugal, são sintomas daquele ambiente. Como suas consequências, resultam a procriação de prole adulterina e o alastramento incontido de doenças sexualmente transmissíveis, com a sífilis à frente, exibindo os rastros denunciadores da fornicação. Na verdade, o sexo até corporifica o picante tempero do amor, mas, quando extirpado este, não chega aquele a fazer as vezes do que deveria condimentar. Há pouco mais de duzentos anos, justo no albor daquele período hedônico, ulteriormente sucedido pela reação da repressiva era vitoriana (1837–1901), veio ao mundo a bela anglo-irlandesa Eliza Rosanna Gilbert, mais conhecida pelo pseudônimo artístico de origem castelhana LOLA MONTEZ.

1) Eliza Rosanna Gilbert, às vezes denominada Marie Dolores Eliza Rosanna Gilbert, nasceu em Grange, condado de Sligo (Sligeach), Irlanda, à época integrante do Reino Unido, a 17 de fevereiro de 1821³, filha de Edward Gilbert (c. 1797 – 1824), oficial das tropas coloniais, e de sua mulher Elizabeth Gilbert (1805 – 1875), née Oliver, linda descendente de presumíveis ancestrais hispânicos, que contava, então, apenas quinze anos de idade. A criança foi batizada em 16 de fevereiro de 1823, na igreja de São Pedro, então pró-catedral anglicana de Liverpool (demolida em 1922)⁴. Vigorando, à época, aquela esperança de um duradouro futuro pacífico na Europa, o militar foi enviado à Índia e lá morreu vitimado por cólera em 1824, quando seu regimento aquartelara em Dinapore (atual Danapur). Meses depois a atraente viúva se casava com John Craigie (1797–1843), também oficial na Índia e amigo do finado.

2) Menina de rara beleza, tal como sua jovem mãe, Eliza era mimada por todos, tornou-se mascote do regimento e desfrutava de delícias paradisíacas. Foi preciso mandá-la, porém, a Montrose, Escócia, onde habitavam parentes de seu padrasto, de rígidas convicções calvinistas, a fim de lhe aprimorar a instrução, o que se efetivou não só ali como outrossim em Bath, Inglaterra, e em Paris. Atingindo ela quinze anos e rivalizando em formosura com sua mãe, esta pretendeu casá-la com Sir Abraham Lumley, um abastado e idoso juiz em Calcutá, e, para tanto, foi buscar a filha na Europa. Discordando de tal desiderato, a adolescente fugiu com Thomas James (?–1850), oficial que viera da

Índia, acompanhando Mrs. Craigie, com quem ela se casou no condado de Meath (*An Mhi*), Irlanda, a 23 de julho de 1837, após obter autorização materna, mas sem nunca ter sido perdoada pela audaciosa rebeldia de desdenhar um enlace nupcial financeiramente mais vantajoso. Em 18 de setembro de 1838, o casal James partiu do Reino Unido e, por alguns anos, morou na Índia e no Afeganistão, mas Thomas acabou abandonando Eliza na Ásia e fugindo com outra mulher, mais velha, esposa de um colega de farda.

3) Eliza tenta, então, reconciliar-se com sua mãe, a qual se limita a lhe fornecer uma passagem para a Inglaterra, enquanto seu padrasto, embora sem aprovar tal intolerância, a presenteia com mil libras. Durante a viagem, ela compartilha o leito com George Lennox, ajudante de ordens do governador da província de Madrasta, Índia. Chegados a Londres, passam eles a conviver temporariamente sob o mesmo teto e, pretextando adultério, o seu marido promove o processo de divórcio, encerrado em 15 de dezembro de 1842, tendo a sentença imposto a ambos os cônjuges a restrição da faculdade de virem a contrair novo casamento.

4) Liberta do compromisso matrimonial, a bela Eliza tenta profissionalizar-se como atriz, frequentando a academia de Fanny Kelly (1790–1882), porém fracassa como tal e é convencida a se dedicar à dança. Seguindo tal conselho, ela vai à Espanha para aprender o mister e, meses depois, retorna a Londres, onde, em 3 de junho de 1843, debuta no *Her Majesty's Theatre* como se fosse a dançarina sevilhana Doña Maria de los Dolores Porris y Montez, com o pseudônimo artístico LOLA MONTEZ⁵. Entretanto, o poderoso Lorde Ranelagh (1812–1885), um dos seus pretendentes por ela antes enjeitado, a reconhece, desmente a impostura e incentiva os espectadores a uma torrente de vaias que arruinam aquela estreia. Ao se inteirar da estranha metamorfose, a irresignada mãe de Eliza proclama que sua filha tinha falecido e enverga luto.

5) Impostora ou embusteira ambígua, mentiróloga compulsiva, a extravagante bailarina vai conquistar admiradores, ao insistir em sua fantasiosa origem andaluza, logrando reverter a publicidade negativa que a maculava. No hábil exercício da artimanha da *coquetterie*, ela seduz multidões de pessoas simples e também algumas cabeças coroadas, ao perambular pela Europa, exibindo-se em Paris, Berlim, Dresden, Varsóvia, São Petersburgo etc., sobretudo quando apresenta a lasciva tarantela *Dança da aranha* (*Spider Dance*), durante a qual aranhas fictícias aparecem em seus trajes. Naquele período, ela mantém relações amorosas efêmeras e, em Dresden, importante centro musical, ela conhece Franz Liszt (1811–1886) e consegue pôr Richard Wagner (1813–1883) em pânico, intimidado por seu olhar faiscante e pela insólita beleza. Recém-separado de Marie d'Agoult (1805–1876), Liszt, virtuose do piano e compositor, era o amante em potencial de muitas mulheres europeias, máxime de aristocratas, e Lola e ele logo se envolvem emocionalmente, em um fugaz relacionamento do qual ele acabaria por se furtar.

6) É bem provável que Liszt tenha introduzido Lola no círculo parisiense da escritora George Sand⁶ (1804–1876), onde ela prisa com a intelectualidade francesa da época: Balzac, Dumas (pai e filho), Th. Gautier, Lamartine, Musset, Sue e outros. Ali, ela também encontraria o grande amor de sua vida: Alexandre-Honoré Dujarier (1815–1845), ativo jornalista político. Mutuamente apaixonados, eles planejam unir-se em matrimônio na primavera de 1845, mas o cruel destino intervém e o impetuoso Dujarier, por causa de uma dívida de jogo, se desentende com Jean-Baptiste Rosemond de Beauvallon (1819–1903), também jornalista, e daí resulta um duelo com pistolas no *Bois de Boulogne*, na gelada manhã de 11 de março de 1845, em que o desditoso Dujarier recebe um tiro na frente e morre instantaneamente. Vestida de preto, a noiva enviuvada ainda antes do casamento, em companhia de Alexandre Dumas, pai (1802 – 1870), testemunha na instrução criminal contra o duelista supérstite e, sem aguardar o veredito condenatório, deixa a França e ruma à Espanha, sua hipotética pátria, onde deveria ter desfrutado a

lua de mel com Dujarier, e, a seguir, rumo à Turíngia e à Baviera, onde interrompe a sua peregrinação de *femme fatale*, ao se aninhar sob a intimidade de um leito majestático.

7) Hoje em dia, a Baviera configura um estado (*Land*) da República Federal da Alemanha, mas até 1918 era uma monarquia hereditária, antigo ducado erigido em reino (1805), onde a dinastia Wittelsbach predominou durante mais de setecentos anos (1180–1918). Lola chegara à capital Munique em setembro de 1846 e fora proibida de se apresentar no real *Hoftheater*, mas a voluntariosa dançarina não se amedrontou com o veto da administração daquela casa teatral, procurando logo um entendimento direto com o próprio soberano, e o primeiro encontro privado de ambos resultou em imediato êxito, pois conseguiu ela cativar o seu interlocutor e, portanto, estreiar o espetáculo terpsicórico em 10 de outubro de 1846.

8) Nascido em Estrasburgo, a 25 de agosto de 1786, o rei Ludwig I⁷ (Ludwig Karl August) era trinta e quatro anos e meio mais velho do que Lola. Culto e esteta, o sexagenário monarca logo se encanta com a dançarina exótica, com quem dialoga em castelhano, tratando-a por *Lolita*, e os dois se tornam amantes, profundamente enamorados. Ludwig compõe poemas para sua linda musa, a quem os envia amiúde, tais como autênticos ramalhetes de flores, e, já no ano seguinte (1847), ele faz com que Joseph Karl Stieler⁸ (1781–1858), pintor da corte bávara, a retrate, para imortalizar aquela beleza delicada, dona de um rosto invulgar, expondo boca de impecável sensualidade e olhos de azul griséu, sob o remate de supercílios e bastos cabelos de veludo acastanhado. Esta obra (ver Apêndice Iconográfico no final), constelada com os retratos de outras três dúzias de formosas mulheres, adorna até hoje o precioso acervo da Galeria das beldades (*Schönheitengalerie*), então localizada na ala meridional do barroco *Schloss Nymphenburg*, à época residência real de verão, em Munique.

9) Conquanto o contubérnio fosse escandalosamente público entre os muniquenses, Lola era considerada, para efeitos oficiais, uma conselheira que mantinha simples relacionamento platônico com o soberano e que, agindo como tal, podia influenciá-lo nas reformas políticas, oxigenando o autocrático regime com as suas inovações, as quais gozavam das simpatias dos governos britânico e francês, mas eram desaprovadas pelo governo austríaco. Para ampliar as liberdades públicas, ela evocou as convicções que tinham iluminado a juventude de Ludwig e inspirou mudanças no ministério, tornando-o mais liberal. Adotou-se legislação francesa e, afastada dos palcos, Lola governava *de facto* o reino, servindo-se do que lhe ensinara Dujarier. Reprisava-se, em escala menor, o precedente da culta Jeanne-Antoinette Poisson (1721–1764), marquesa de Pompadour, com o rei Louis XV (1710–1774). Os estudantes que a apoiam fundam uma fraternidade denominada *Alemannia*, sintoma do ideal de unificação alemã, cujo processo, então, estava efervescendo. Em 25 de agosto de 1847, Ludwig a agracia com o título de condessa de Landsfeld, concede-lhe pensão anual e a instala em luxuosa morada urbana, além de lhe destinar propriedade rural, eis que sempre fora pródigo para aquinhoar as suas amantes.

10) Em 1848, entretanto, perturbações revolucionárias, iniciadas em janeiro na Sicília, eclodem em vários pontos da Europa. A Baviera não conseguiria escapar daquela onda, embora lá a ruptura da ordem tivesse natureza diversa das demais. Os espíritos mais conservadores se opõem à presença de Lola, considerando-a uma cortesã apocalíptica, diabolicamente bela, emissária de Lúcifer e agente da francmaçonaria para abalar o poder jesuítico lá prevalecente. Injustamente até lhe imputam culpa pela morte de Dujarier. Em 8 de fevereiro de 1848, a universidade⁹ foi fechada e os estudantes estrangeiros, predominantemente protestantes e provindos de outras monarquias da Confederação Germânica, simpatizantes de Lola, foram expulsos e obrigados a abandonar Munique, o que acarretou graves consequências econômicas. Uma reação popular leva Ludwig a prometer a reabertura, mas conservadores armados exigem a

expulsão da aventureira, sob pena de não lhe garantirem a vida. Em 17 de março de 1848, constrangido e para evitar derramamento de sangue, Ludwig cassa a nacionalidade bávara e o título nobiliárquico da sua progressista conselheira e ela resulta banida do reino. Onze dias depois, para não se sujeitar a novas exigências que aviltariam o poder monárquico, ele abdica em favor de seu filho Maximilian II (1811–1864), que revogaria algumas das recentes inovações.

11) Asilada na vizinha Suíça e sob a espreita de iminente declínio, a ex-condessa de Landsfeld, portando joias da coleção Wittelsbach, espera, debalde, que Ludwig se junte a ela no exílio, mas ele, embora continue enviando poemas e subsídios, elege a companhia de outra mulher. Frustrada, ela acaba voltando a Londres, onde reinicia com sucesso os seus espetáculos de dança, cria um salão literário em West End e, em 19 de julho de 1849, se casa com George Trafford Heald (1828–1853?), um oficial dos *Life Guards*, mas parentas do mesmo a acusam de bigamia e o casal tem de fugir para a Espanha. Tal união perdura pouco, sobrevém a separação em Paris (1851) e ele perece afogado em Lisboa (1853) ou em Folkestone, condado de Kent (1856).

12) Nítido indício de decadência exsurge quando Lola imigra para os EUA, então ainda rudimentares, desnudos do requinte europeu e onde não residem príncipes propensos a se deixarem fascinar pela excêntrica anglo-irlandesa *soi-disant* andaluza. Ela desembarca em Nova York a 6 de dezembro de 1851, tendo como companheiro de viagem Lajos Kossuth (1802–1894), prócer desterrado da malograda revolução independentista húngara de 1848, calorosamente ali recebido, o que contribui para ofuscar a aparição dela em tais paragens. A estreia na Broadway ocorre a 29 de dezembro de 1851, com o bailado *Betley, the Tyrolean*, diante de três mil espectadores, dos quais apenas trinta são mulheres. Dentre outras cidades, dança também em Boston, Filadélfia, Saint Louis e Nova Orleans, de onde ela parte para San Francisco, estreando em 26 de maio de 1853. Lá, na memorável *Misión Dolores*, a 2 de julho de 1853, Lola desposa o jornalista Patrick Purdy Hull (1824 – 1858) e o casal se estabelece em Grass Valley, Califórnia, mas, poucos meses depois, ela resolve dispensar o marido e divertir-se fumando charutos, criando animais, amestrando um filhote de urso e lecionando dança e canto para Charlotte Mignon Crabtree (1847–1924), menina promissora que se converteria na célebre atriz Lotta Crabtree.

13) Minguando as plateias, Lola e sua trupe realizam turnê na Austrália, desembarcando em Sydney a 16 de agosto de 1855. Sem obter muito sucesso naquela cidade nem em Melbourne e Adelaide, onde se apresenta, o grupo enceta o retorno a San Francisco, via Honolulu, e, na noite de 8 de julho de 1856, perto do arquipélago de Fidji, Melanésia, Noel Follin (1827–1856), gerente da trupe, desaparece do navio, suspeitando-se de suicídio no mar, motivado por uma desavença amorosa com Lola. Compadecida, ela acaba por leiloar bens, ajudando os filhos órfãos do seu derradeiro amante nominalmente identificável, e logo toma o caminho de volta à costa leste estadunidense. O triste contexto faz lembrar Pandora, a figura da mitologia grega que involuntariamente infelicitava os que dela se acercavam: duelo, abdicação, sumiço!

14) Poliglota (falava até hindustâni), Lola viveu e amou em quatro continentes e também no mar, mas, durante os seus últimos anos, prematuramente envelhecida e no crepúsculo de sua beleza, ela se dedica à religião e a fazer palestras morais em Nova York, Boston, Providence e mesmo na Grã-Bretanha (1858–1859), valendo-se da assistência de Charles Chauncey Burr (1817–1883), jornalista e editor, que a auxilia na redação dos textos. Por outra, Francis Lister Hawks (1798–1866), clérigo episcopaliano, atua como o seu guia espiritual e a orienta à prática da caridade junto aos mais inditosos e, graças ao empenho dele, antes de se exaurir a sua inquieta existência, ela retorna, pela ramificação episcopal, ao seio do anglicanismo, em que fora batizada.

15) Por fim, Lola residia modestamente em Nova York, disfarçada sob o discreto nome *Fanny Gibbons*, quando sofreu um acidente vascular cerebral em 30 de junho de 1860, permanecendo inválida durante quase todo o restante daquele ano. Conseguiu recuperar-se, mas logo contraiu pneumonia no gélido inverno nova-iorquino subsequente e acabou sucumbindo a 17 de janeiro de 1861, quinta-feira, um mês antes de completar quarenta anos de idade. Dois dias depois, 19, sábado, o seu corpo foi inumado como *Mrs. Eliza Gilbert*¹⁰ no histórico cemitério Green-Wood (seção 8, lote 12.730), distrito do Brooklyn. Na edição de 21, segunda-feira, *The New York Times* dedicou-lhe longo necrológio. Ela sobrevivera aos ex-maridos, mas o seu amado Ludwig¹¹ sobreviver-lhe-ia ainda por mais de sete anos, expirando octogenário em Nice, a 29 de fevereiro de 1868.

REMATE. Vítima da mãe, que nunca perdoou a rebeldia da filha! Vítima do primeiro marido, com quem se consorciou sem amor e apenas para evitar uma indesejada união! Vítima da sua excepcional beleza e, outrossim, da influência da doutrina da predestinação, nela incutida durante a meninice pelos inflexíveis parentes calvinistas de seu padrasto! Verdadeiramente, seria o predicado da beleza física *“um prenúncio do bem e uma antecâmara do paraíso”*? Refêem de um temperamento audacioso e acalentada por aquele influxo de sabor fatalista, é de se concluir que deveria ela acreditar que sim e que encarnava, portanto, uma constante vitoriosa, assim predestinada pelos inelutáveis desígnios divinos. Valeu-se ela da arte terpsicórica para deslumbrar espectadores europeus, estadunidenses e australianos e agia não apenas nos palcos, através das suas interpretações, mas também ao expor temerariamente a sua excêntrica personalidade. Reputada foi por alguns como uma reles aventureira amoral, máxime pela maioria dos seus biógrafos vitorianos, sob a influência da hipocrisia então imperante e tendentes a destacar tão só os aspectos escandalosos! Escoimando-se os preconceitos, entretanto, pode ela ser revisitada e havida como uma vanguardista quase despercebida. Ora, resistindo a sua forte personalidade à pertinaz preponderância masculina, Lola Montez procede como uma precursora do então incipiente movimento feminista ou como uma *criptofeminista*, conforme se pode inferir através da impressionante ideia aventada em sua *Autobiography* e reproduzida na epígrafe retro, ideia essa consoante a qual a estrutura da sociedade patriarcal hipócrita em que ela vivia sufocava a ação das mulheres, a ponto de lhes exigir um preço atroz por ousarem assumir quaisquer atitudes inovadoras. Sem embargo disso tudo e atuando qual uma singular *“heroína problemática”*, ainda conseguiu ela, muito embora durante um período exíguo da sua exígua existência, cativar um monarca e iluminar-lhe o trono!

“Sic transit gloria mundi”.¹²

- Obras de LOLA MONTEZ (Escritas com assistência de Charles Chauncey Burr):
 - a) ***Anecdotes of Love: Being a True Account of the Most Remarkable Events Connected with the History of Love, in All Ages and among All Nations.*** New York: Dick & Fitzgerald, Publishers, 1858.
 - b) ***The Arts of Beauty: or Secrets of a Lady's Toilet. With Hints to Gentlemen on the Art of Fascination.*** New York: Dick & Fitzgerald, Publishers, 1858.
 - c) ***Lectures of Lola Montez (Countess of Landsfeld), Including Her Autobiography.*** New York: Rudd & Carleton, 1858.

• Notas

¹ “De qualquer sorte, tal é a estrutura social e moral do mundo: a mulher deve se contentar com uma esfera de ação excessivamente restrita ou aceitar as piores consequências por ousar ser inovadora e herege. Ela precisa ser a escrava ou o brinquedo mimado do homem: ou ela terá de assumir a responsabilidade de se tornar um alvo a ser atingido pelos membros mais corruptos e covardes do seu próprio sexo e pelos mais malvados

e *depravados do sexo oposto*". (Excerto da Autobiografia, publicada em Nova York por Rudd & Carleton, em 1858, Parte I, p. 15).

² Fenômenos semelhantes soem acontecer pouco depois do término de grandes conflitos bélicos, como, *v. g.*, logo após a primeira guerra mundial (1914–1918), na década de 1920, a qual ficaria historicamente conhecida como *loucos anos 20* (*années folles*/ *Roaring Twenties*), quando, então, realmente desabrochou o espírito do século XX.

³ Algumas fontes, tais como, *v. g.*, o extenso necrológio publicado em *The New York Times*, edição de 21 de janeiro de 1861, p. 8, e mesmo a *Encyclopaedia Britannica*, 15. ed., v. 8, p. 288, indicam que Eliza Rosanna Gilbert teria nascido no condado de Limerick (*Luimneach*), em 1818, mas tais dados se mostram incorretos, porque ali era somente o local onde o seu avô materno Charles Silver Oliver (c. 1765–1817) exercera a representação judicial da Coroa, mas não o de seu nascimento, e porque os seus pais se conheceram apenas em dezembro de 1818 e se casaram apenas em 29 de abril de 1820, não tendo ela sido gerada anteriormente, mas sim na constância daquele matrimônio. Já na sua parcialmente veraz *Autobiography*, lançada em Nova York, 1858, o nascimento fica postergado para 1824...

⁴ Este antigo templo em Liverpool, situado na Church Street e demolido em 1922, não se confunde com a atual igreja de São Pedro, situada na Church Road, subúrbio de Woolton, onde os Beatles John Lennon (1940–1980) e Paul McCartney (n. 1942) se encontraram pela primeira vez.

⁵ LOLA é o diminutivo próprio de Dolores, substantivo do gênero masculino em castelhano, significando Dores. No início do século XX, outra *femme fatale*, também muito atraente, recorrendo a pseudônimo adventício, iria fascinar plateias da Europa com as suas exóticas danças: MATA HARI (literalmente *olho do dia* em malaio, i. é, sol), criptônimo da neerlandesa Margaretha Geertruida Mac Leod, *née* Zelle (1876 – 1917), que exibia a sua arte à maneira oriental, como aprendera em Java e em Sumatra, e que veio a ser condenada e fuzilada em Vincennes, França, a 15 de outubro de 1917, como agente secreta a serviço da Alemanha, durante a primeira guerra mundial.

⁶ GEORGE SAND, pseudônimo artístico de Amandine-Aurore-Lucile Dupin (Paris, 1º de julho de 1804 – Nohant, departamento de Indre, 8 de junho de 1876), baronesa Dudevant, por seu casamento (1822 – 1835) com Casimir Dudevant (1795 – 1871). Romancista e memorialista, considerada uma das maiores escritoras francesas e introdutora do romance rural. Manteve amizade com Franz Liszt (1811 – 1886) e ligações amorosas com os escritores Jules Sandeau (1811 – 1883), Alfred de Musset (1810 – 1857) e Prosper Mérimée (1803 - 1870) e com o compositor Frédéric-François Chopin (1810 – 1849). De temperamento excêntrico, aparecia em público vestindo trajes masculinos, por diversão ou por comodidade.

⁷ Durante o reinado (1825–1848) de Ludwig I, foi inaugurada a primeira ferrovia alemã, entre Nuremberg e Fürth (1835), e foi construído o primitivo canal de navegação (*Ludwigkanal*), ligando as bacias renana e danubiana (1846), hoje já desativado e substituído por novo canal (1992). Para comemorar o seu casamento (1810) com a princesa Therese Charlotte von Sachsen-Hildburghausen (1792 – 1854), instituiu-se também a famosíssima *Oktoberfest* (oficialmente *Oide Wiesn*), festival de cerveja e feira de produtos que ainda se realiza em Munique.

⁸ JOSEPH KARL STIELER (Mogúncia, 1º de novembro de 1781 – Munique, 9 de abril de 1858) iniciou a sua carreira artística como pintor de miniaturas. Estudou em Viena e Paris, adotando o estilo neoclássico para retratos. Em 1820, tornou-se pintor da corte bávara e, entre 1827 e 1850, por encomenda do rei Ludwig I (1786 – 1868), pintou quase todos os retratos de mulheres que compõem a Galeria das Beldades, inclusive o de Lola Montez (1847). Dentre outras celebridades, ele também retratara Ludwig van Beethoven (1820), Johann Wolfgang von Goethe (1828) e Friedrich Wilhelm Heinrich Alexander von Humboldt (1843).

⁹ A Universidade de Munique foi fundada pelo duque da Baviera em 1471 e localizada em Ingolstadt. Denominada em 1800 Ludwig-Maximilians-Universität München, sigla LMU, veio a ser transferida para Munique em 1826.

¹⁰ Foi apenas recentemente que se acrescentou uma segunda inscrição, alertando tratar-se da sepultura de Lola Montez: *“Born at Grange, County Sligo, February 17, 1821, known as Lola Montez, Countess of Landsfeld”*.

¹¹ Segundo algumas fontes, após a morte da ex-rainha consorte Therese Charlotte (Munique, 26 de outubro de 1854), o ex-rei Ludwig I e Lola Montez teriam contraído casamento morganático e gerado prole, mas ela o teria abandonado ao saber que ele estava infectado por sífilis. Tal hipótese, todavia, carece de prova idônea.

¹² *“Assim se esvai a glória do mundo”*, expressão contida em *Imitatio Christi*, I, 3, 6, obra atribuída a Thomas Hemerken ou Thomas a Kempis (1379 – 1471), concernente à fragilidade do poder humano.

• Bibliografia sumária

BOYLAN, Henry. *A Dictionary of Irish Biography*. New York: Barnes & Noble Books, 1978.

DARRACH, Brad. *Beautiful and Be Damned*. Time, New York, May 15, 1972. p 84.

DROZ, Jacques. *Histoire diplomatique de 1648 a 1919*. Paris: Dalloz, 1959.

ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. 15 ed. *Chicago: Encyclopaedia Britannica*, Inc., 1990.

GAGEY, Edmond M. *Notable American Women, 1607-1950*. Cambridge, Massachusetts: The Belknap Press, 1971.

MICHAEL OF KENT, Princesa. *As grandes amantes da história*. Trad. Cláudia G. Duarte. Rio de Janeiro: Record, 1996.

MONTEZ, Lola. *Lectures of Lola Montez (Countess of Landsfeld), Including Her Autobiography*. New York: Rudd & Carleton, 1858. Disponível em <http://books.google.com.br/lectures-of-lola-montez>. Acesso em: 10 fev. 2023.

OBITUARY. *Death of Lola Montez*. The New York Times, New York, January 21, 1861, p. 8. Disponível em: www.nytimes.com/1861/01/21/archives/obituary-death-of-lola-montez.html. Acesso em: 15 jun. 2023.

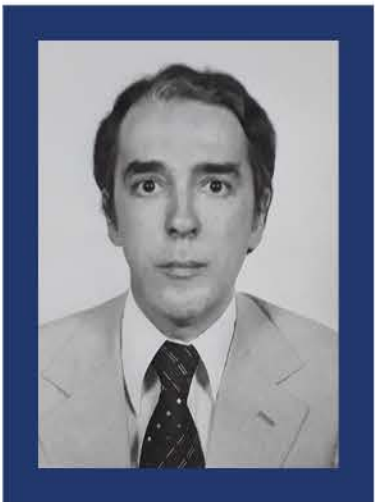
ROSS, Ishbel. *Uncrowned Queen: The Life of Lola Montez*. New York: Harper & Row, Publishers, 1972.

Rio, junho de 2023.

• Apêndice iconográfico



Retrato de Lola Montez (1847).
Pintado por Joseph Karl Stieler (1781–1858).
Med. 72 cm. x 58,6 cm.
Coleção da Galeria das beldades (Schönheitengalerie).
Schloss Nymphenburg, Munique, Baviera.



Autoria
B. G. da Costa Fontoura
Juiz federal aposentado da 2ª Região

Crônica

FELIZES PARA SEMPRE

Leio nos jornais que Alain Delon, ator francês, galã de muitos filmes do século passado, quer morrer, embora não sofra nenhuma doença terminal. Octogenário, não vê mais motivos para continuar de pé e, por isso, teria incumbido o filho de providenciar sua eutanásia na Suíça, onde o procedimento é permitido.

Embora respeite a decisão, dentro do seu livre-arbítrio, ela me faz lembrar outro episódio em que os protagonistas, também idosos, vislumbraram um horizonte totalmente oposto. Apostaram na vida, no amor, mesmo residindo numa casa de repouso.

Estou falando de quatro noivos apaixonados. Dois casamentos. Uma cerimônia só. Linda. Tudo transcorreu às mil maravilhas, de acordo com o figurino. Os padrinhos, as testemunhas, os votos e o buquê de flores. Enfim, depois de um breve namoro, a felicidade também se hospedou no Lar Maria Clara, em Contagem-MG, onde os noivos residiam há muitos anos, com outros 60 idosos que já não encontravam mais abrigo no seio das próprias famílias. Cadeirantes, os quatro foram conduzidos ao altar improvisado, onde disseram o "sim", radiantes de emoção.

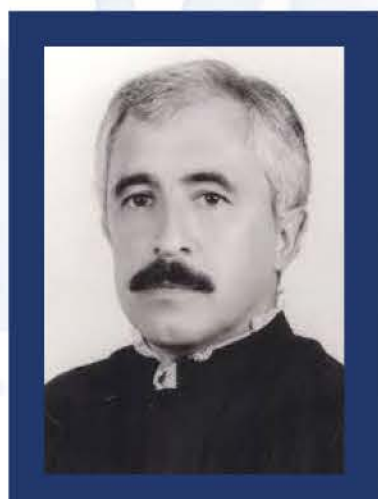
Neide, Rodrigo, Antônio e Geraldo. A mais nova com 68 anos. O mais velho com 84. Agora, felizes para sempre. *"Todo dia eu me apaixono por ela"*, declarou o octogenário Rodrigo, com os olhos postos na amada. E ela, toda derretida: *"Ele é meu homem, meu amor e minha vida"*.

Por que não? Quem decretou, no céu ou na terra, que o amor tem idade? Que o beijo, o mais sensual dos beijos, foi autorizado pelos deuses somente para os jovens com a carne em flor e o desejo em ebulição? Em que lei, em que artigo da Constituição está escrito que a cadeira de rodas constitui uma excludente de felicidade na união de dois corações apaixonados?

Perguntem aos poetas e eles responderão, com Mário Quintana: *"O amor é quando a gente mora um no outro"*. Portanto, se já moram um no outro, longe de suas respectivas famílias, tornaram-se uma só carne e um só corpo, para além das convenções, a lembrar Camões: *"Para tão longo amor, tão curta a vida"*. Mesmo sem o arroubo da juventude, certamente descobrirão um no outro inexploradas "zonas erógenas" que fariam corar seus netos.

Não vão passar a lua de mel em Roma ou Paris, é claro, mas no mesmo Lar Maria Clara, que os acolheu. Deixemo-los em paz, portanto. Os pombinhos querem privacidade e já foram vacinados contra a Covid. Não há mais perigo de contágio. Daqui para frente só serão contaminados pelo amor. Pelo mais puro e desinteressado amor. Até que a morte os separe.

E, quem sabe, mirando-se nesse exemplo, o velho ator francês consiga reverter sua decisão, convencido, junto com Fernando Pessoa, de que *"tudo vale a pena quando a alma não é pequena"*?



Autoria

Antônio Francisco Pereira

Juiz federal aposentado da 6ª Região

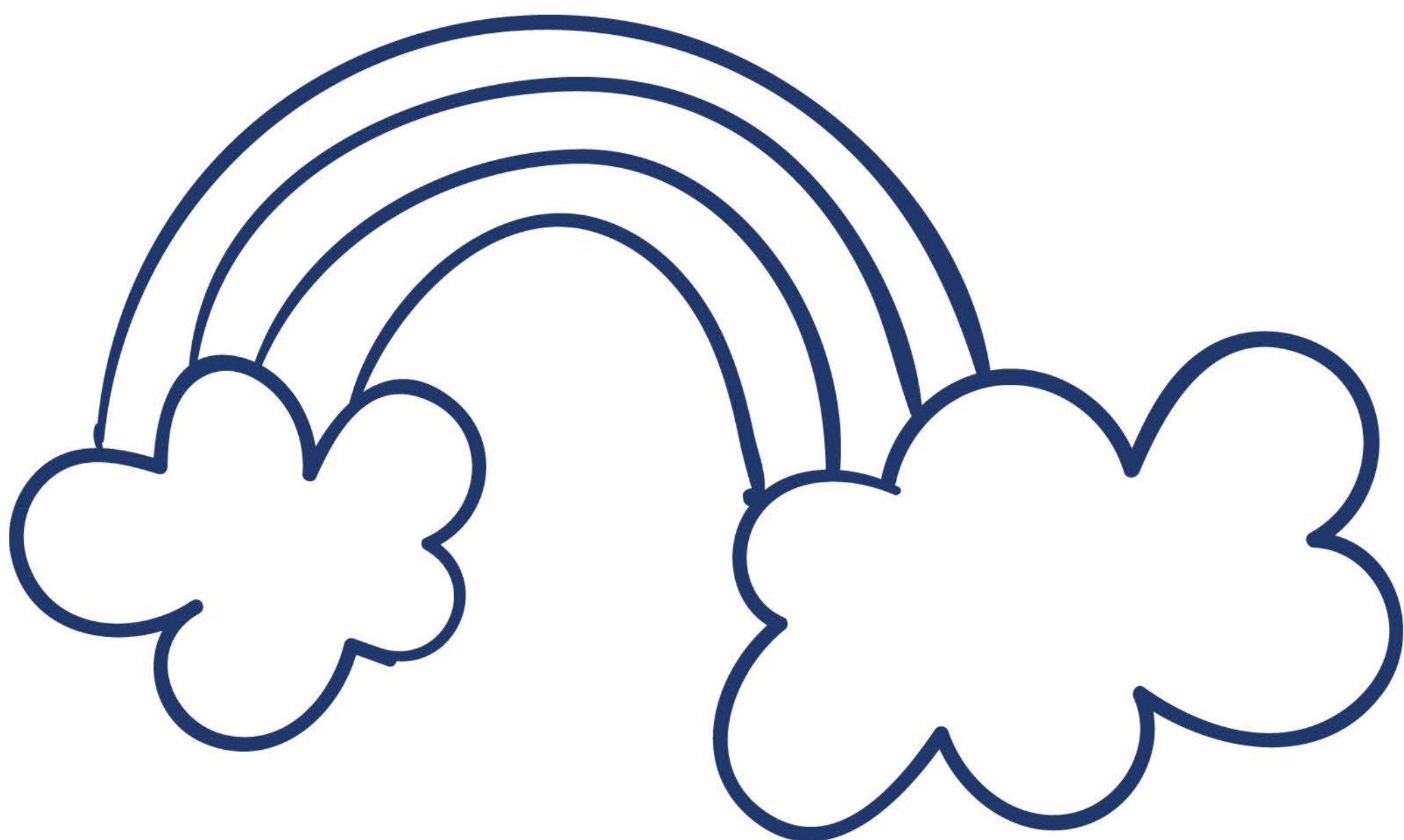


Poesia

Classificação

INDICATIVA

Indicaram-me viver infância quando até a juventude já havia passado.
 Todavia, antes que o fizessem, tirei de letra a infância. Garanto que fui genuinamente infantil.
 Fui criança na meninice, na adolescência, jovem adulta, adulta jovem, idosa jovem alegre e saudável.
 A velhice, apesar, me pegou de surpresa e de repente estou voltando à infância.
 Estou pulando corda, praticando salto horizontal, apostando corrida e salto de altura.
 Outra hora brinco de casinha, cozinhadinho e bonecas de pano.
 Também ando de bicicleta sem freio e tenho medo de assombração.
 Desde sempre respeitei a classificação indicativa, não vendo filmes pornográficos nem de violência e sexo explícito, muito menos de guerra e de terror.
 Gosto de viver infância. Não há preocupações, não há ocupações, a não ser as escolares a seu tempo.
 Bem, a escola da vida, por sua vez, está sempre de portões abertos e em casa a mãezinha não deixa você na maciota: Menina, varre direito, passa essa roupinha (ferro a brasa!), lava a caneca (na bica d'água), cuida do uniforme, limpa o forro da mesa, pega o frango pra mãe (foi aí que aprendi a "pegar frango"!), não deixa o feijão queimar; torra o café, os meninos te ajudam!
 Ah! Meu Deus! Acho que nem havia tempo de ser criança! Torra minha cabeça!
 Entretanto, a alma criança não deixa o campo. Joga finca, bolinhas de gude, pique-pegas, amarelinha, bete... faz castelos de areia, inventa cantigas, balança em balancinhos amarrados em galhos de mangueira, brinca de roda... ciranda, cirandinha, vamos todos cirandar...
 Briga com os amiguinhos, xinga e daí a dois minutos faz as pazes.
 Como é bom ser criança... De antigamente.
 Criança hodierna já nasce com um celular na mão. Só entende de games. Nada de mensagens lúdicas, nada de atrapalhá-la no manuseio de um iPhone... O teclado é bem mais interessante que conversas da velharia quadrada. Brincar no meio da rua, nem pensar... os perigos são conhecidos de todos. Vão de pedófilos a sequestradores, passando por motoristas embriagados...
 A classificação indicativa que se dane! Os pais velhotes que vigiem! Elas vão assistir a qualquer coisa!



O mundo já é outro. Crianças de hoje, provavelmente, nunca ouviram falar de coelhinhos feitos com caroços de manga chupados até branquear e de olhos vermelhos pintados a mão. Jamais! Que bobagem era a vida infantil do século passado!

Querem libertar-se da tal Classificação indicativa: precisam ver tudo quanto aparecer na tela, seja a hora que for.

Dormir cedo, pra quê?

Têm sede e fome de conhecer o mundo profano, adulto, cheio de atrações que, desatempadas, profanam a mente. São apelos sexuais, violência física e psíquica, linguagem imoral ou destemperada, agressões de toda ordem, o despertar prematuro da sexualidade, terrorismo, doutrinação do mal para o que ainda não têm discernimento...

Não podem aguardar que o fruto amadureça.

Saltam etapas. Não vivem uma a uma.

Queimam pestanas com o tempo que ainda não é o seu.

Quando percebem, tardiamente, não foram crianças, não foram adolescentes...

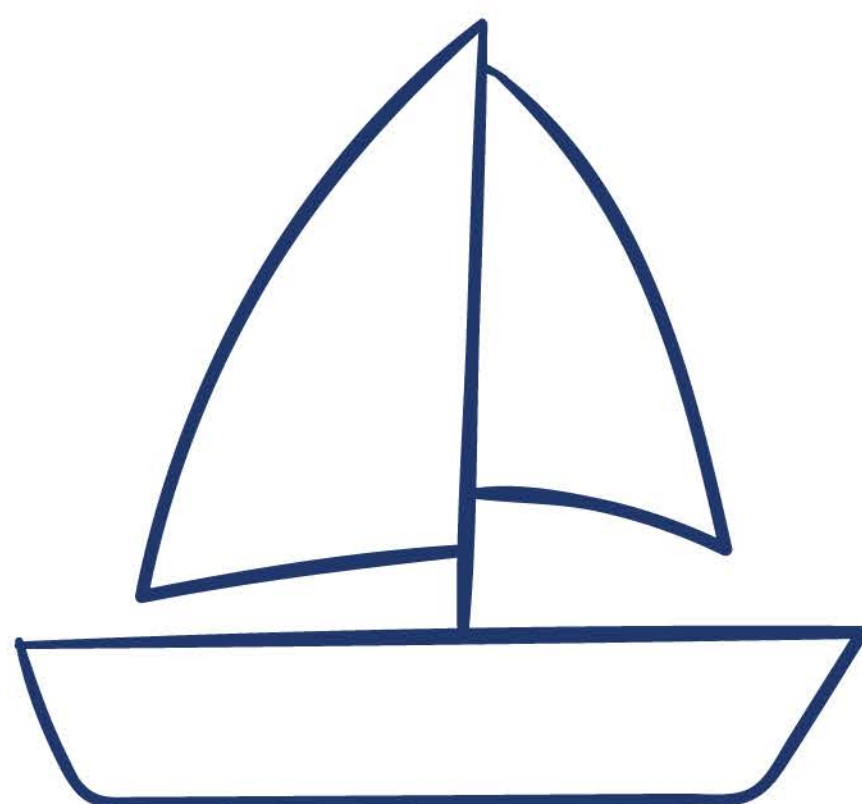
Precocemente envelheceram.

Não tiveram juventude e sim agitação, músicas frenéticas, sem sentido, alucinógenos em lugar de verdadeiras emoções e sentimentos.

A classificação indicativa de 14 anos foi aplicada aos 10 anos ou menos; o amor dos verdes anos restou amarelecido pela imaturidade e imediatismo, pela celeridade e antecipação de fases e estações.

Não houve paradas para descanso.

Desclassificou-se a indicação.



Autoria

Orlanda Luiza

Desembargadora federal aposentada da 1ª Região

Poesia

AMOR REDIVIVO

Aquele amor infiltrou-se em mim.
Perpassou meu íntimo ser.
Impregnou de sentido uma vida apática.
Transfixou minha pele, minha boca, meu coração.
Invadiu minh'alma, tomou conta dela.
Aspirou meu perfume e ficou inebriado.
Colheu meu sorriso, beijou-me os lábios...
Surgiu num relance, num piscar de olhos...
Chegou feito sombra e era luz.
Seus olhos refulgiam e falavam uma linguagem que só o amor é capaz
de compreender.
Veio remoçado, rejuvenescido e me retornou à juventude.
Não poupou lembranças nem emoções.
Aos poucos mostrou ser um retorno e trouxe de longe o passado. Quimeras
vivas. Fantasias apagadas.
Enlaçou-me num abraço e acariciou-me os cabelos e as mãos.
Falou de terras estranhas por onde passou e de temas nunca antes
versados.
Recoloriu a vida, enquanto os cabelos já grisalhos ousaram aloirar-se
outra vez.
O mundo fez-se pequeno para tanto amor.



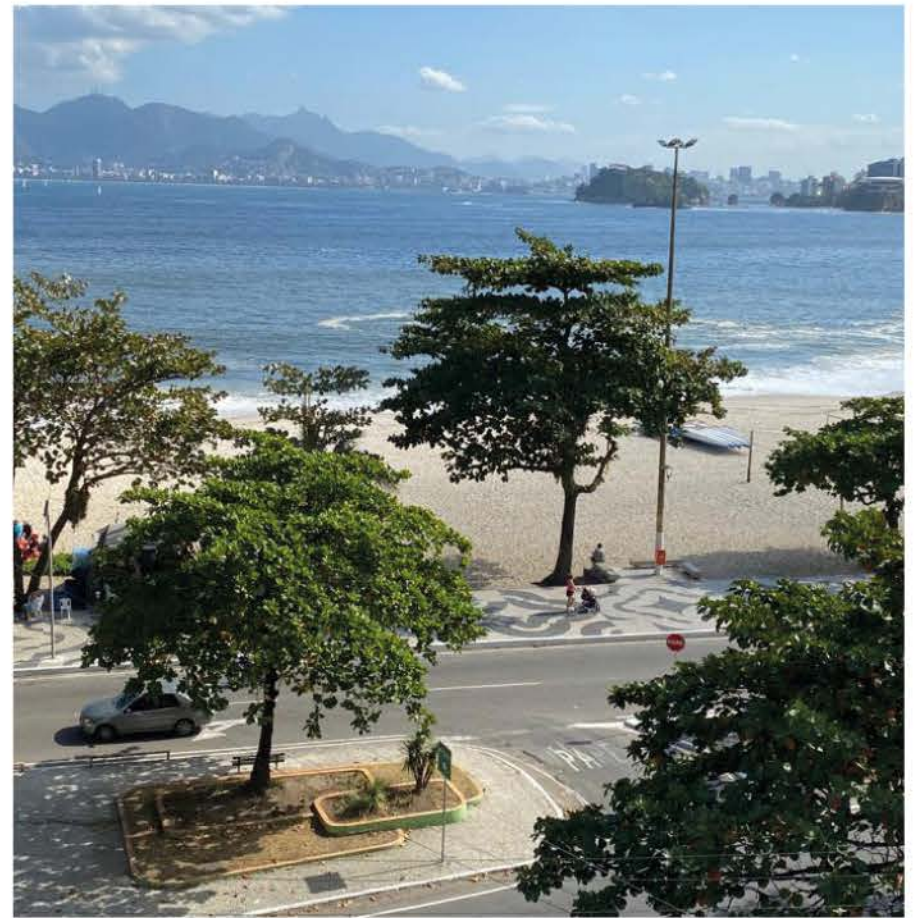
Autoria

Orlanda Luiza

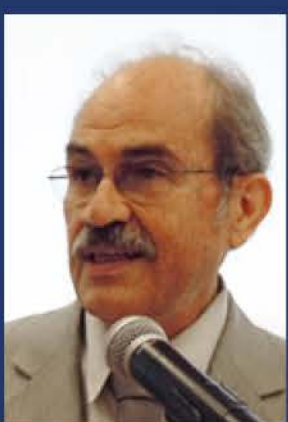
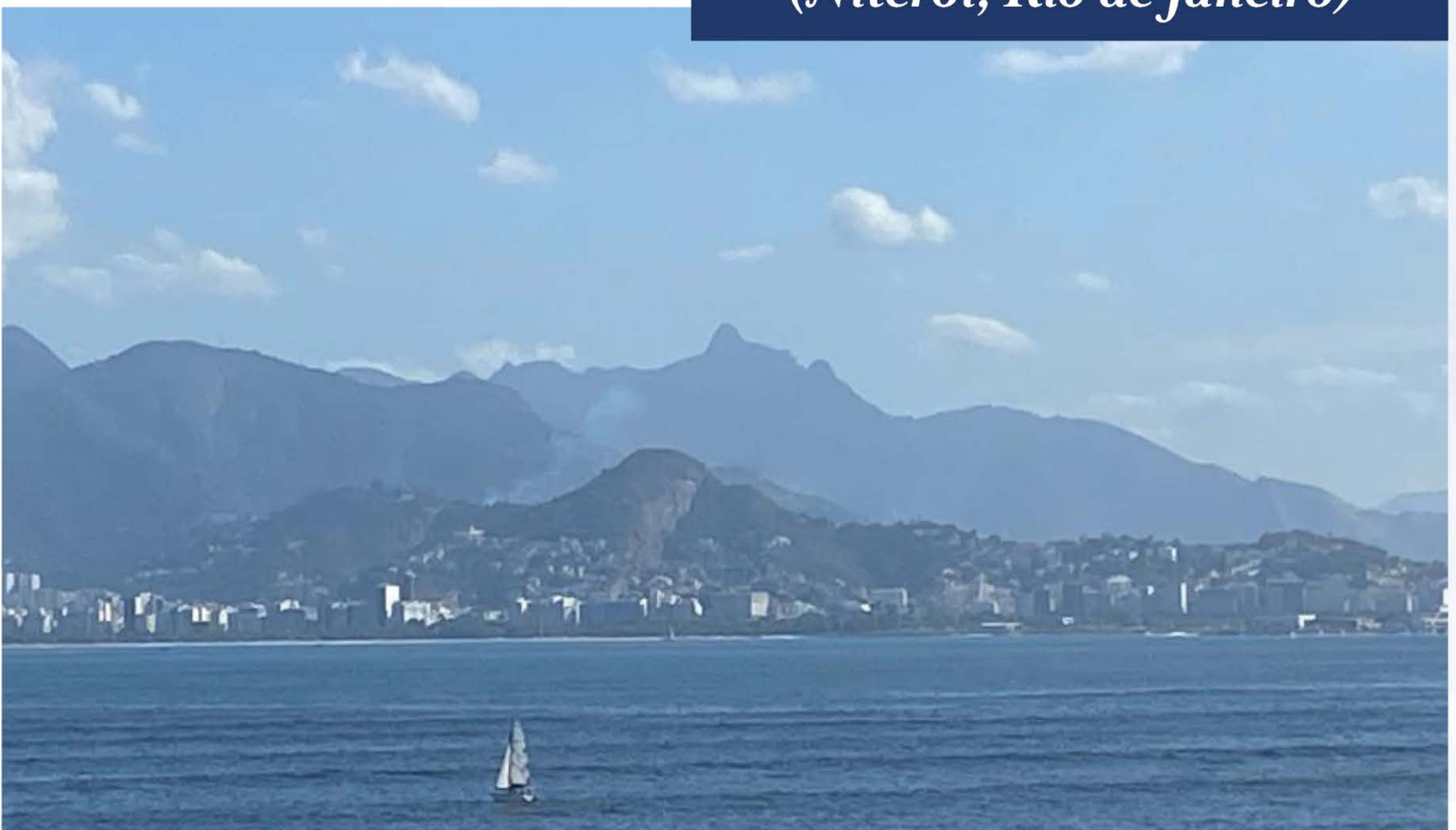
Desembargadora federal aposentada da 1ª Região

Fotografia

“Sábado com sol de inverno, vento e muita ressaca enfeitando a Praia de Icaraí”



(Niterói, Rio de Janeiro)



Autoria

Raldênio Bonifácio Costa

Desembargador federal aposentado da 2ª Região



ESPAÇO DOS(AS)

Aposentados(as)



AJUFE

Conheça o espaço em:

<https://www.ajufe.org.br/espaco-dos-aposentados>



ajufe.official



ajufe_oficial



tvajufe



ajufe_oficial



ajufe_oficial

www.ajufe.org.br